



# TEOREMAS DE TEATRO

# 4

## I

**QUANDO A VERDADE MENTE** (texto integral do drama)  
COSTA FERREIRA

## II

1— Interpretação do drama de Costa Ferreira. 2— A representação: Alves da Costa e Augusto de Figueiredo. 3— O problema do Teatro Português.

## III

1— Teatro d'Arte de Lisboa. 2— Arquivo: Documentos (textos de João Pedro de Andrade e António Pedro); Fundo de Teatro.

---

# QUANDO A VERDADE MENTE

PEÇA EM TRÊS ACTOS

ORIGINAL DE

COSTA FERREIRA

*José Alberto Osório de A. Salazar*  
*13-VIII-62*

*U46070752*

LISBOA  
MCM LV



# QUANDO A VERDADE MENTE

*Original de*

COSTA FERREIRA

A Mulher . . . . .	BRUNILDE JUDICE
O Marido . . . . .	ALVES DA COSTA
A Filha . . . . .	MARIA LALANDE
O Filho . . . . .	AUGUSTO FIGUEIREDO
A Mãe . . . . .	CONSTANÇA NAVARRO
Anjo Negro . . . . .	CECÍLIA GUIMARÃES

Director de ensaios: *Samuel Diniz*; Esboço do cenário:  
*Otelo Azinhais*; Execução do cenário: *Reinaldo Martins*

## PERSONAGENS

**A MULHER :** À roda dos cinquenta anos. Cabeça branca penteada com simplicidade mas muito bela. Deve dar a impressão de mulher duma beleza extraordinária que dentro da mediocridade da sua vida, procura obcecada uma linha de elegância e de dignidade. Veste simplesmente de escuro, mas uma gola branca, uns punhos, ou qualquer outro enfeite devem-lhe dar uma impressão de frescura e mocidade. O roupão que depois veste é também escuro podendo abrir sobre uma longa camisa branca que se fecha no pescoço com rendas. Para quebrar a linha do roupão que a cobre até os pés, as mangas devem ter a largura necessária para que em determinadas atitudes os braços lhe possam ficar nus. Os cabelos à medida que se vão despenteando devem-lhe criar uma espécie de auréola branca em torno do rosto.

**O MARIDO :** Cinquenta e cinco anos. O oficial prático reformado. É um homem simples. Sem colarinho nem gravata, com um casaco de alpaca cinzenta que fecha no pescoço, calças cinzentas, sapatos de interior, de preferência sandálias. Sempre que vai ao terraço põe na cabeça uma boina basca, usa frequentemente para se abanar uma ventarola marcadamente espanhola.

**A FILHA :** Protótipo duma rapariga de cidade de provincia. Não é declaradamente feia mas sim despida de qualquer atractivo: Penteado meticuloso mas fora de moda e falho de gosto. Óculos. Vestido muito simples e afogado no pescoço, sapatos rasos.

**O FILHO :** Pequeno, nervoso, envelhecido. Um rosto vincado onde os olhos brilham intensamente. Nervos à flor da pele. Veste sempre um fato de sport.

## CENÁRIO ÚNICO

Pequena sala de uma casa modesta de cidade alentejana.

Paredes brancas caiadíssimas, impecáveis. Chão de ladrilhos largos e muito regulares, nitidamente marcados por riscos brancos, bem vivos. A sala é o menos profunda possível. A parede da esquerda tem apenas as dimensões indispensáveis para ter encostado a ela um canapé para três pessoas; depois é cortada por uma parede paralela à ribalta e também estreita, tendo só o tamanho indispensável para uma porta envidraçada de dois batentes pela qual se vê um pequeno e típico terraço alentejano com muro baixo de parapeito de tijolo. Este muro segue a linha da parede da esquerda até à altura da parede do fundo, onde se vem entroncar. Para além do terraço vê-se apenas o céu. Ligando a parede da esquerda meio com o fundo, pequena parede com uma porta que dá também para o terraço. Encostado à parede do fundo apenas um enorme baú de pregaria, sobre o qual se ergue branca e lisa a parede. Na direita alta e portanto no plano da segunda porta do terraço, porta que dá para o interior da casa e pela qual se vê, perdendo-se no fundo da direita, o princípio duma escada de caracol tosca e também de ladrilhos. Na parede da direita baixa, pequena estante de mogno de fins de século XIX; junto da estante típica camilha alentejana com uma saia colorida a vermelho e branco. Acima e à direita da camilha duas poltronas. Diante do sofá da esquerda, pequena mesa de pé de galo e uma cadeira. No terraço profusão de vasos com malvas. Ao fundo junto do baú pequena cadeira de costura.

## I ACTO

### I CENA

O marido numa cadeira junto da varanda dorme. Diante dele, sobre a mesa, um album de selos. Pela direita entra a mulher. Avança com uma chave na mão para o baú. Depara com o marido adormecido, tem uma hesitação, depois muito cautelosamente vai abrir o baú. No baú deve haver uma grande caixa de cartão, comprida, um lindo vestido, côr de rosa, de baile de 1910, uma sombrinha 1900, outras caixas, e numa bainha de flanela uma espada. Para uns instantes a olhar para tudo, com um sorriso, abre a caixa, tira uma raposa argentée. Vai junto da segunda porta da varanda, vê-a cuidadosamente ao sol, sacode-a, depois tira do baú uma escova e escova-a com muito cuidado. A escova cai-lhe; com o barulho o marido acorda.

O MARIDO (*acordando*): O que é isto?...

A MULHER: Desculpa foi a escova que caiu.

O MARIDO: Lá andas tu às voltas com o bicho.

A MULHER: Tenho medo das traças agora no verão.

O MARIDO: Para as traças não a pelarem vais-lhe tu arrancando os pelos com a escova.

A MULHER: Eu escovo-a com cuidado.

O MARIDO: Ah pois cuidados não lhe faltam, nem quando era vivo o pobre do animal recebeu tantas provas de consideração. (*risonho*) Até deu entrada no museu das relíquias.

A MULHER: Tu não podes compreender um certo número de coisas...

O MARIDO: (*levantando-se*) Ah pois não. O que eu com-

preendo é que está hoje um calor dos diabos. Onde raio é que eu teria metido a ventarola?

A MULHER: Parece que está aí debaixo do album dos selos.

O MARIDO: Está, está. Vocês não me mexam aqui que tenho uma quantidade de selos para colar. (*tira o lenço de assoar dobra-o em bico e põe-no em volta do pescoço*) Suo como um cavalo numa escola de repetição.

A MULHER: O verão no Alentejo é sempre assim. Nunca sinto tantas saudades do mar como neste tempo.

O MARIDO: Deixa lá que quando o calor aperta não há mar que nos valha.

A MULHER: Ah, não digas isso, é diferente. Em vida do papá íamos sempre para a praia neste tempo. Agora já há quinze anos que não vejo o mar. (*volta a pôr a raposa na caixa*) Esta naftalina já quase não cheira.

O MARIDO: (*irónico*) Deixa lá que se a traça te fôr ao bicho, o teu príncipe manda-te outra pele.

A MULHER: Coitado do rapaz, sabe Deus o sacrificio que fez para me comprar esta.

O MARIDO (*Sempre irónico*): Qual sacrificio! O teu menino é hoje um nababo, um triunfador, não era assim que tu dizias quando eu queria habituá-lo a trabalhar? (*imitando-a*) «O rapaz não é feito para esta vida mesquinha, tem outras ambições, precisa de outros horizontes. Tu verás que se ele sair daqui se fará um homem». Pronto está feita a vossa vontade, há cinco anos que o menino está em Lisboa para se fazer um homem.

A MULHER: E então? Não temos nenhuma razão de queixa. Lá se tem governado sem nos pedir nada e de vez em quando escreve e manda presentes...

O MARIDO: Escreve-te e manda-te presentes. Nem da irmã quere saber, eu já não falo por mim. Que o rapaz nunca me pode ver...

A MULHER: Não digas isso.

O MARIDO: Desde miúdo que é assim. Cada vez que eu lhe pegava fazia logo um berreiro, tratou-me sempre como se eu fosse um padrasto e não um pai.

A MULHER: Tu assustava-lo...

O MARIDO (*mudando de tom*): É melhor não falarmos nisso. Tu e ele conseguiram o que queriam, devem estar contentes. E eu também estou, só tenho pena de que tu não te interesses tanto pela filha como te interessas pelo filho. E olha que ela merece-o bem mais.

A MULHER: Não tens razão nenhuma para dizer isso. É claro que o feitiço do Manuel se parece mais com o meu do que o da Guida. Mas a consciência não me acusa de ter faltado a nenhum dos meus deveres.

O MARIDO: Porque será que a gente quando quer tramar alguém fala logo no dever?

A MULHER (*enervada*): Não percebo o que queres dizer com a tua linguagem tão... tão pitoresca.

O MARIDO (*sardónico*): A Senhora Marqueza não faça caso e continue a chamar-me bruto à vontade que eu não me ralo.

A MULHER: A prova de que me interesso pela Guida é que estava agora mesmo a pensar que para o mês que vem são as festas de S. Braz e que precisamos de arranjar um vestido para a Guida ir ao baile da Assembleia.

O MARIDO: No Grémio também há baile e a Guida pode lá ir de borla porque eu sou sócio.

A MULHER: Pois sim, mas agora és tu que achas que a tua filha merece pouco. A melhor gente da terra não vai ao Grémio vai à Assembleia.

O MARIDO: A melhor gente? A gente de dinheiro queres tu dizer...

A MULHER: ...No meio em que se vive é que se arranja noivo.

O MARIDO (*galhofeiro*): Ai é, então como é que a Senhora Marqueza acabou mulher deste major reformado?

A MULHER (*enervada*): Não brinques com coisas sérias.

O MARIDO: Pronto, pronto. Mas como é que a gente vai vestir a rapariga para ir à Assembleia?

A MULHER (*levando a mão ao vestido que está no baú*): Talvez com um conserto se pudesse aproveitar a seda deste vestido.

O MARIDO (*num pasmo sincero*: O quê?! Tu és capaz de tirar uma reliquia do museu para dar à tua filha...

A MULHER (*como se o não ouvisse*): Eu já não o posso aproveitar, é cor de rosa, já não tenho idade para pôr estas cores. E está novo, vesti-o duas vezes. Na nossa viagem de núpcias, lembras-te? Quando fomos ao Casino da Figueira e depois aqui, a única vez que fomos convidados para jantar em casa do Barão. Está novo e tem tanta seda que não me parece difícil arranjá-lo.

O MARIDO: Parece-me que te estou a ver com ele. Parecias uma tampa de uma caixa de chocolates. Ficava-te bem a valer... Ai as mulheres! As mulheres; Naturalmente agora se o vestisses era de gargalhada.

A MULHER: Estou velha.

O MARIDO: E o vestido também, tudo passa como o tempo *mudando de tom*( Mas tu achas que a Guida pode pôr uma coisa dessas?

A MULHER: Porque não?!

O MARIDO: Ela não é como tu eras. Estou-te a ver muito branca, muito loira, com isso vestido, fazias um vistão, palavra de honra que eu até tinha vergonha de sair contigo assim. Mas a rapariga não foi feita para essas coisas. Tem cá a costela do tarimbeiro, como tu dizes. Isso não lhe pega.

A MULHER: Talvez, ela não é feia, é apenas acanhada, pouco feminina. Mas a culpa também é nossa, vivemos tão isolados.

O MARIDO: Que remédio, a gente de que tu gostas não gosto eu e aqueles de que eu gosto tu não os gramas nem pintados. Acabou por não vir ninguém a esta casa a não ser as senhoras da sopa dos pobres que vão a toda a parte.

Ai minha velha deixa-te de fantasias, continua com o vestido no baú, e a pequena vai ao baile do Grémio com a D. Olinda...

A MULHER (*num tom áspero*): Não. não quero...

O MARIDO: Mau, mau, não vamos agora brigar por causa de uma coisa destas.

*(Ouve-se uma porta ao longe)* Olha, ela aí vem. Afinal de contas ela é que é a interessada. Ela que escolha.

## II CENA

*(Os mesmos e a filha que entra pela Direita)*

A FILHA: Boa tarde mãe, boa tarde Pai. *Vê o baú aberto e tem um movimento de surpresa que logo dissimula).*

O MARIDO: Boa tarde Filha.

A FILHA: A D. Olinda manda muitos cumprimentos à mãe e manda-lhe dizer se quiser ir amanhã para lá ver passar a procissão, que lhe dá muito gosto, que não tem lá festa nenhuma, que só vão as Martins e as Lopes.

A MULHER: Obrigada.

O MARIDO: Já veio o jornal?

A FILHA: Ainda não pai: a camioneta de Lisboa agora chega mais tarde. Ontem quando veio já era noite fechada.

A MULHER: É uma das muitas vantagens de vivermos no fim do mundo, recebemos as notícias da manhã ao cair da noite.

O MARIDO: E não perdemos nada com isso. As únicas coisas que se passam no mundo são guerras, temporais, desastres, crimes, ora estas coisas tanto faz sabê-las de manhã como à noite.

A FILHA: Ah mãe, a D. Olinda mandou vir de Lisboa uns moldes e como ela tem quase a minha estatura, diz que mos empresta para eu fazer o vestido para o baile de S. Braz.

O MARIDO: Olha, olha, vem mesmo a propósito. A esse respeito a tua mãe tem grandes ideias.

A MULHER: Cala-te

O MARIDO: Calo-me porquê? Já que a rapariga está a fazer os seus projectos, o melhor é tu dizeres os teus.

A FILHA: Mas que projectos?!

O MARIDO: A tua mãe este ano quer que tu sejas a rainha das festas de S. Braz.

O FILHO: A liberdade é nossa, porque não pedimos nada a ninguém.

A MULHER: Nós temos a nossa imaginação.

O FILHO: A nossa alma, um presente de Deus.

A MULHER: Que são as únicas coisas que são verdadeiramente nossas.

O FILHO: O dinheiro que nos querem dar é para comprar a nossa liberdade.

A MULHER: E eu não vendo esta liberdade por preço nenhum.

O ANJO: Eu vou contigo e levo os teus mais belos sonhos que já são verdades.

*(No escuro ouve-se a voz da Filha, que surgiu à direita)*

A FILHA: O médico já chegou.

A MULHER: Estou quase pronta, já tenho comigo o meu filho e os meus sonhos.

O ANJO: Não te falta nada, vai. E nós vamos contigo.

A MULHER: ... DEIXOU a sua alta varanda da torre mais alta...

*(A Mulher saiu pela direita com o Filho. Luz normal. O Marido tem um movimento desesperado para a porta que a Filha corta, e abraça-se a ela num choro violento mas silencioso, enquanto do cofre aberto começa a cair o dinheiro inútil, e desce lentamente o*